

Orquestra Gulbenkian

Jukka-Pekka Saraste
Frank Peter Zimmermann



06 + 07 dez 2018

Orquestra Gulbenkian

06 DEZEMBRO
QUINTA

21:00 — *Grande Auditório*

07 DEZEMBRO
SEXTA

19:00 — *Grande Auditório*

Orquestra Gulbenkian

Jukka-Pekka Saraste Maestro

Frank Peter Zimmermann Violino

Jean Sibelius

En Saga, op. 9

Bohuslav Martinů

Concerto para Violino e Orquestra n.º 1

Allegro moderato

Andante (attacca)

Allegretto

INTERVALO

Piotr Ilitch Tchaikovsky

Sinfonia n.º 5, em Mi menor, op. 64

Andante – Allegro con anima – Molto più tranquillo

Andante cantabile, con alcuna licenza

Valse: Allegro moderato

Finale: Andante maestoso – Allegro vivace

MECENAS
MÚSICA E NATUREZA



MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRAS



MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO



MECENAS
CICLO PIANO



MECENAS
CORO GULBENKIAN



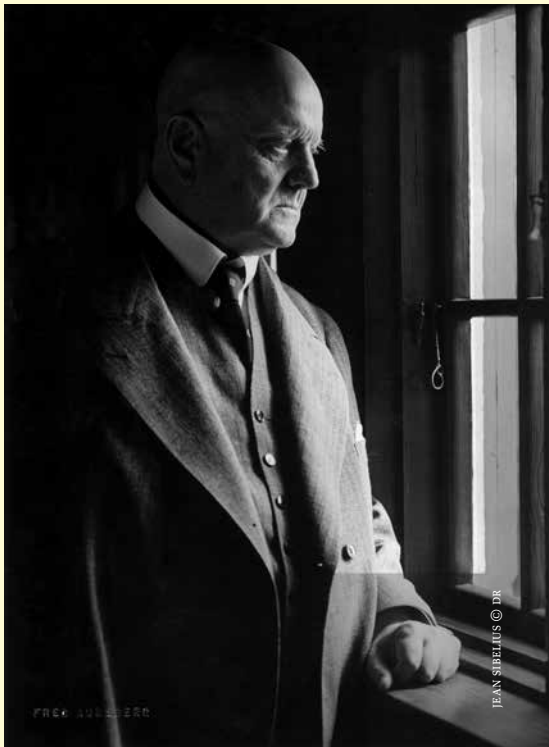
MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



Duração total prevista: c. 1h 50 min.
Intervalo de 20 min.

Jean Sibelius

Hämeenlinna, 8 de dezembro de 1865
Järvenpää, 20 de setembro de 1957



En Saga, op. 9

COMPOSIÇÃO: 1892, rev. 1902
ESTREIA: Helsínquia, 16 de fevereiro de 1893
DURAÇÃO: c. 20 min.

O compositor finlandês Jean Sibelius assumiu-se como uma figura central no processo de formação de uma identidade nacional finlandesa em música. No contexto da sua produção, para além do notável conjunto das sete sinfonias, também os vários poemas sinfónicos assumem um lugar destacado. O poema sinfónico *En Saga*, op. 9, foi uma das suas primeiras obras orquestrais, tendo sido concluído em 1892. Concebida inicialmente enquanto um octeto para cordas, flauta e clarinete, a obra acabaria finalmente por assumir uma versão orquestral, estreada já no ano seguinte, em Helsínquia, sob a regência do próprio compositor. Em 1902, Sibelius dirigiria também, e na mesma cidade, a estreia da versão revista e definitiva. Trata-se afinal de uma obra que transborda de energia e que apresenta também um carácter atmosférico, evocativo da sua terra natal, a Finlândia, apesar de ter recebido um título em sueco, que significa “conto de fadas”. Esse título sugere que se trata de uma obra programática, mas de facto o compositor não parece ter partido de um programa específico, considerando-a antes “a representação de um estado de espírito”, ou “uma aventura numa paisagem interior”. Estamos, assim, perante uma espécie de drama psicológico em música. A obra inicia-se com uma introdução lenta, que decorre numa atmosfera de ansiedade e misticismo, ambiente no qual desponta, nas madeiras, a célula melódica principal, que em seguida se estende a outros naipes, até que a sua

primeira derivação floresce nos violoncelos. Numa segunda secção o tempo é sujeito a uma aceleração, surgindo então uma segunda derivação do motivo inicial, marcada por um ritmo pontuado, bem como uma terceira derivação, agora ainda mais acentuadamente propulsiva. Na terceira secção, a segunda derivação dilui-se em texturas próximas da prática da música de câmara, e a terceira derivação, no oboé, torna-se mais lamentosa e suspirante. Por sua vez, a quarta secção inicia-se de forma inesperada, baseada numa versão cada vez mais tumultuosa da primeira derivação. A obra conclui-se com um poslúdio, o qual apresenta as três derivações da célula melódica inicial num ambiente de intensa prostração, monotonia e solidão.

Bohuslav Martinů

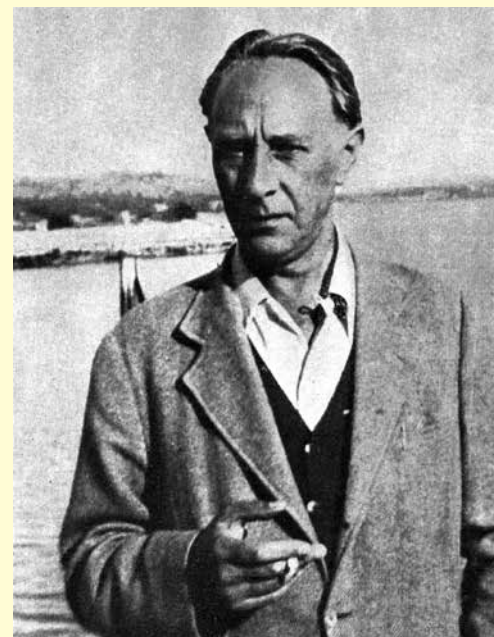
Policka, 8 de dezembro de 1890
Liestal, 28 de agosto de 1959

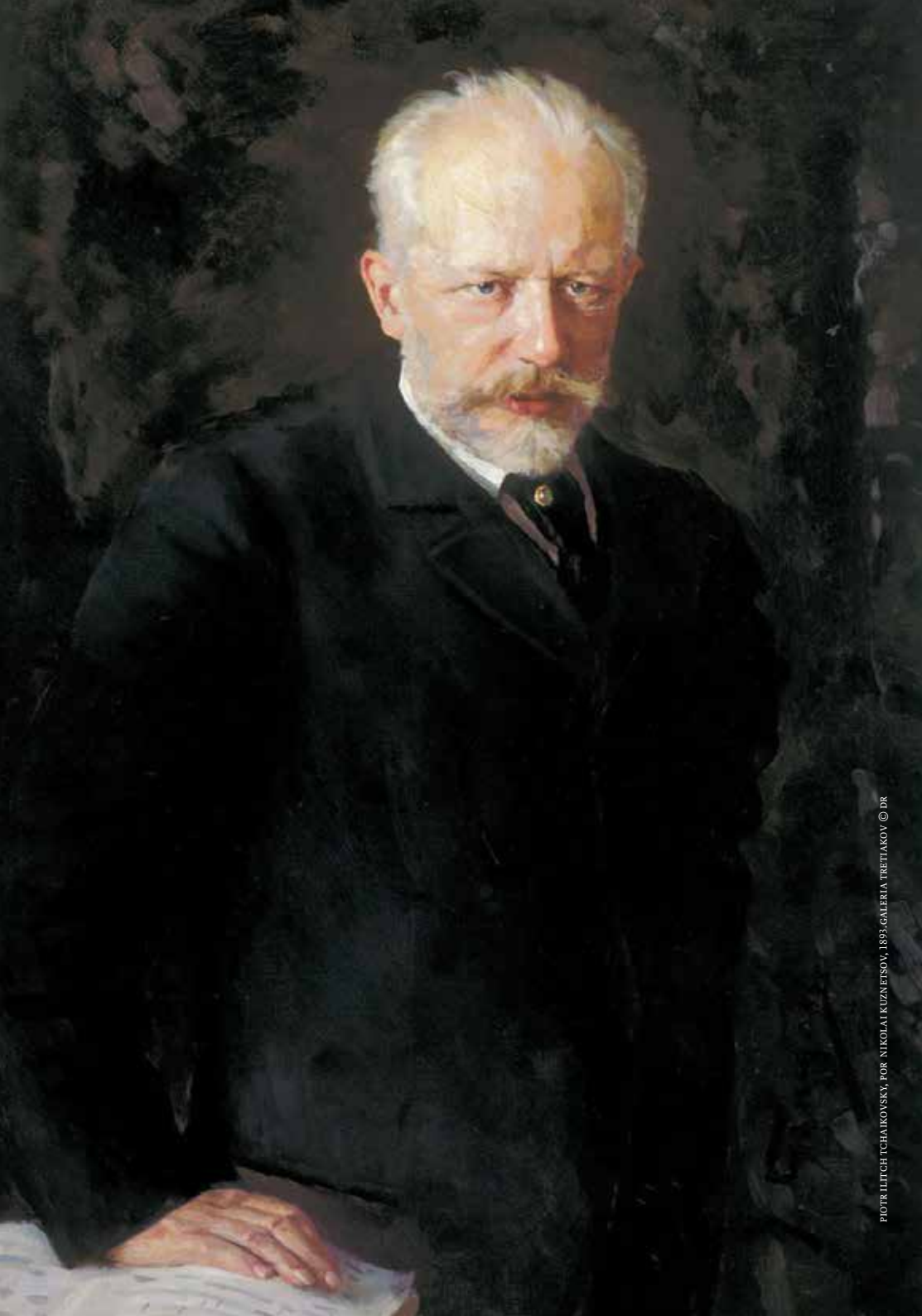
Concerto para Violino e Orquestra n.º 1

COMPOSIÇÃO: 1932-1933
ESTREIA: Chicago, 25 de outubro de 1973
DURAÇÃO: c. 25 min.

No ano de 1923, Bohuslav Martinů estabeleceu-se voluntariamente em Paris, cidade onde rapidamente começou a desenvolver uma carreira respeitada enquanto jovem compositor modernista. Foi por volta de 1932 que recebeu, da parte do violinista Samuel Dushkin – o destinatário do Concerto para Violino de Stravinsky, a cuja estreia Martinů assistiu –, a encomenda de um concerto para violino e orquestra. O compositor terá terminado a versão inicial do seu Concerto para Violino n.º 1 no início de dezembro desse ano, empenhando-se logo após em várias revisões do mesmo, no que contou com as sugestões de Dushkin, mas a sua estreia seria sucessivamente adiada. Com o início da Segunda Guerra Mundial e a fuga do compositor para os Estados Unidos da América, a partitura ter-se-á entretanto extraviado. Em 1968 foi localizada nos arquivos da Northwestern University, Evanston, recebendo finalmente a sua estreia a 25 de outubro de 1973, em Chicago, com Joseph Suk no violino e Georg Solti à frente da Orquestra Sinfónica de Chicago. O 1.º andamento, *Allegro moderato*, abre com uma breve introdução orquestral, na qual é apresentada uma curta célula motívica sincopada. Essa ideia é tomada pelo violino, numa passagem tecnicamente virtuosística que conduz a um vigoroso *tutti*, no qual um ritmo pontuado vem anunciar uma nova ideia expressiva do solista. Na reexposição, o compositor recupera quase literalmente o material do início. O 2.º andamento, *Andante*,

está construído como uma tranquila cantilena, encontrando-se estilisticamente bastante próximo do bailado *Špalíček*, contemporâneo deste concerto. Na introdução orquestral cabe ao clarinete apresentar uma melodia doce, que depois é explorada pelo solista, sobre uma textura elaborada, até alcançar um ponto culminante, recuando então para um momento *molto dolce* baseado em motivos do início. Por fim, o 3.º andamento, *Allegretto*, consiste num rondó de carácter ligeiro que se inicia também sobre uma curta célula melódica, agora um motivo em estilo de dança. A primeira secção contrastante é mais enérgica e a segunda baseia-se num incessante *moto perpetuo* do solista. Partindo da reiteração daquela secção enérgica, a música precipita-se, *accelerando*, para um final de grande brilhantismo.





PIOTR ILITCH TCHAIKOVSKY, POR NIKOLAI KUZNETSOV, 1893, GALERIA TRETIAKOV © DR

Piotr Ilitch Tchaikovsky

Votkinsk, 7 de maio de 1840
São Petersburgo, 6 de novembro de 1893

Sinfonia n.º 5, em Mi menor, op. 64

COMPOSIÇÃO: 1888

ESTREIA: São Petersburgo, 17 de novembro de 1888

DURAÇÃO: c. 47 min.

Piotr Ilitch Tchaikovsky evidenciou-se pelo contributo que forneceu para a tradição da música sinfónica, tendo desenvolvido um estilo pessoal que conciliava influências múltiplas. A Sinfonia n.º 5, em Mi menor, op. 64, foi composta entre maio e agosto de 1888, tendo sido estreada a 17 de novembro desse ano em São Petersburgo, no Teatro Mariinski, sob a direção do compositor. O sucesso não foi imediato, mas a obra rapidamente se tornaria numa das suas criações mais populares. Dez anos após a Sinfonia n.º 4, que em certa medida representava a sua resposta à 5.ª Sinfonia de Beethoven, a nova sinfonia retomava a temática do destino – embora o programa esboçado previamente, no qual Tchaikovsky identificava o tema principal como “a completa resignação ante o destino”, não tenha sido realmente terminado. Tal como no caso da Sinfonia n.º 4, também nesta se destaca um tema recorrente que, passando por diversas metamorfoses, contribui para unificar os quatro andamentos da obra. O 1.º andamento, *Andante – Allegro con anima – Molto più tranquillo*, obedecendo a uma forma de sonata tradicional, inicia-se com a enunciação

do “tema do destino” no clarinete e cordas graves, ao qual se segue a apresentação de uma melodia remanescente do folclore eslavo. A relativa instabilidade da exposição é acentuada num desenvolvimento que atravessa diversas regiões harmónicas. Dando continuidade à atmosfera fatídica, o *Andante cantabile, con alcuna licenza* abre com as sonoridades trágicas de Si menor, modulando de imediato para Ré maior. O voluptuoso tema principal é apresentado por um solo de trompa, e depois de uma secção central mais instável, em Fá sustenido menor, é reafirmado com uma orquestração diferente. Segue-se um *Allegro moderato*, em Lá maior, uma graciosa valsa que explora toda uma variedade de cores instrumentais. Esta, após um inquieto *scherzo* central, faz ouvir, pouco antes do seu termo, o tema do destino. No *Finale*, após uma introdução em que o tema do destino surge num *Andante maestoso* em Mi maior, é apresentado um 1.º tema de carácter combativo e enérgico, desenvolvendo-se então uma forma sonata de uma intensidade crescente que culmina numa marcha magnífica.

Jukka-Pekka Saraste

Maestro



JUKKA-PEKKA SARASTE © WDR THOMAS ROST

Jukka-Pekka Saraste nasceu em Heinola, na Finlândia. Iniciou a sua carreira artística como violinista, tendo-se formado posteriormente em direção de orquestra com Jorma Panula na Academia Sibelius, em Helsínquia. Maestro de excepcional versatilidade, sente no entanto uma especial afinidade com as sonoridades e o estilo da música romântica tardia. Mantém também uma forte ligação com a música do nosso tempo, interpretando com regularidade obras de compositores como Henri Dutilleux, Magnus Lindberg, Esa-Pekka Salonen ou Kaija Saariaho. Dirigiu estreias mundiais de obras sinfónicas de Wolfgang Rihm, Friedrich Cerha e Pascal Dusapin, entre outros. É cofundador da Avanti! Chamber Orchestra, cujos programas incluem uma forte componente de música contemporânea. É também membro fundador do projeto LEAD! The Orchestra Project, que organiza *workshops* nos quais são transmitidos conhecimentos de liderança e de comunicação a jovens músicos num contexto orquestral. Desde 2010, Jukka-Pekka Saraste é o Maestro Principal da Orquestra Sinfónica WDR, em

Colónia. É também Maestro Laureado da Filarmónica de Oslo, onde foi Diretor Artístico e Maestro Principal (2006-2013). Anteriormente desempenhou funções idênticas na Orquestra de Câmara Escocesa, na Sinfónica da Rádio Finlandesa (com a qual se apresentou na Fundação Calouste Gulbenkian em 1997 e 2000) e na Sinfónica de Toronto. Foi Maestro Convidado Principal da Sinfónica da BBC e consultor artístico da Sinfónica de Lahti. Fundou a Orquestra de Câmara Finlandesa e a Orquestra do Festival de Tammisaari, da qual é Diretor Artístico. Todas as temporadas, a sua agenda inclui a direção de importantes orquestras nos mais prestigiados palcos mundiais. Dirigiu a Orquestra Gulbenkian em 2014 e 2016. A extensa discografia de Jukka-Pekka Saraste inclui obras de Sibelius, Nielsen, Bartók, Dutilleux, Mussorgsky, Prokofiev, Mahler, Schönberg, Stravinsky e Brahms. Recebeu o Prémio Pro Finlândia, a Medalha Sibelius e o Prémio para a Música do Estado Finlandês, bem como doutoramentos honorários da York University, em Toronto, e da Academia Sibelius.

Frank Peter Zimmermann

Violino

Frank Peter Zimmermann nasceu em 1965 em Duisburgo, na Alemanha. Estudou com Valery Gradov, Saschko Gawriloff e Herman Krebbers. Ao longo de mais de três décadas de carreira profissional, tocou com as mais prestigiadas orquestras mundiais, sob a direção de maestros de renome internacional. Atuou em muitas das mais importantes salas de concertos e festivais internacionais da Europa, dos Estados Unidos da América, do Japão, da América do Sul e da Austrália. Tem-se apresentado regularmente na Fundação Calouste Gulbenkian; a última vez em 2016, com a Gustav Mahler Jugendorchester e o maestro David Afkham. Além de interpretar e gravar as grandes obras do repertório corrente – de J. S. Bach a G. Ligeti – dedica-se também às novas obras de compositores contemporâneos, tendo estreado quatro concertos para violino: em 2003, o Concerto para Violino, *en sourdine*, de Matthias Pintscher, com a Filarmónica de Berlim e o maestro Peter Eötvös; em 2007, *The Lost Art of Letter Writing* de Brett Dean, com a Orquestra do Real Concertgebouw de Amesterdão, sob a

direção do compositor; em 2009, o Concerto para Violino n.º 3, *Juggler in Paradise*, de Augusta Read Thomas, com a Filarmónica da Radio France e Andrey Boreyko; e em 2015 o Concerto para Violino n.º 2 de Magnus Lindberg, com a Filarmónica de Londres e Jaap van Zweden. É também de assinalar o interesse particular do violinista pela música de câmara. Forma o Trio Zimmermann com o violetista Antoine Tamestit e o violoncelista Christian Poltéra, tendo obtido grande sucesso nos Festivais de Salzburgo e de Edimburgo, entre outros prestigiados eventos musicais. Frank Peter Zimmermann recebeu o Premio *del'Accademia Musicale Chigiana* (1990), o *Rheinischer Kulturpreis* (1994), o Prémio de Música da Cidade de Duisburgo (2002), a *Bundesverdienstkreuz 1. Klasse, der Bundesrepublik Deutschland* (2008) e o Prémio Paul Hindemith da Cidade de Hanau (2010). Frank Peter Zimmermann toca o violino Antonio Stradivari “Lady Inchiquin” (1711), por gracioso empréstimo da Coleção de Arte da Renânia do Norte-Vestefália, Düsseldorf.



FRANK PETER ZIMMERMANN © IRENE ZANDEL-HÄNSLER CLASSIC

Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de mais de cinquenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de sessenta instrumentistas que pode ser pontualmente expandido de acordo com as exigências de cada programa de concerto. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório que se estende do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas tradicionais, nomeadamente a produção orquestral de Haydn, Mozart, Beethoven, Schubert, Mendelssohn ou Schumann, podem ser dadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora.

Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório Gulbenkian, em Lisboa, em cujo âmbito tem tido ocasião de colaborar com alguns dos maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos em diversas localidades do país, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, por sua vez, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo até agora efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrix, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. Lorenzo Viotti é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian. Giancarlo Guerrero é Maestro Convidado Principal, Leonardo García Alarcón é Maestro Associado e Nuno Coelho é Maestro Convidado.

ORQUESTRA GULBENKIAN © GM-MÁRGIA LESSA

Lorenzo Viotti Maestro Titular
Giancarlo Guerrero Maestro Convidado Principal
Leonardo García Alarcón Maestro Associado
Nuno Coelho Maestro Convidado

PRIMEIROS VIOLINOS
Erik Heide *Concertino Principal**
Francisco Lima Santos
1º Concertino Auxiliar
Bin Chao *2º Concertino Auxiliar*
António José Miranda
Pedro Pacheco
Alla Javoronkova
David Wahnnon
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria Balbi
Otto Pereira
Tamila Kharambura *
David Ascensão *
Tomás Costa *
Anna Paliwoda *

SEGUNDOS VIOLINOS
Alexandra Mendes *1º Solista*
Jordi Rodriguez *1º Solista*
Cecília Branco *2º Solista*
Stephanie Abson
Jorge Teixeira
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Maria José Laginha
Miguel Simões *
Félix Duarte *
Mafalda Rodrigues *
Anne Victorino *

VIOLAS
Samuel Barsegian *1º Solista*
Lu Zheng *1º Solista*
Isabel Pimentel *2º Solista*
Patrick Eisinger
Leonor Braga Santos
Christopher Hooley
Maia Kouznetsova
Francisca Fins *
Nuno Soares *
Chiara Antico *
Paul Tulloch *

VIOLONCELOS
Varoujan Bartikian *1º Solista*
Marco Pereira *1º Solista*
Martin Henneken *2º Solista*
Levon Mouradian
Jeremy Lake
Raquel Reis
Jaime Polo *
Fernando Costa *
Lara Ariznabarreta *

CONTRABAIXOS
Pedro Vares de Azevedo *1º Solista*
Domingos Ribeiro *1º Solista*
Manuel Rego *2º Solista*
Marine Triolet
Maja Plüddemann
Romeu Santos *
Ricardo Tapadinhas *

FLAUTAS
Cristina Ánchel *1º Solista Auxiliar*
Amália Tortajada *1º Solista Auxiliar*

OBOÉS
Pedro Ribeiro *1º Solista*
Nelson Alves *1º Solista Auxiliar*
Alice Caplow-Sparks *2º Solista*
Corne inglês

CLARINETES
Esther Georgie *1º Solista*
Iva Barbosa *1º Solista Auxiliar*
José María Mosqueda *2º Solista*
Clarinete baixo
João Santos *2º Solista**

FAGOTES
Ricardo Ramos *1º Solista*
Vera Dias *1º Solista Auxiliar*
Raquel Saraiva *2º Solista*

TROMPAS
Gabriele Amarù *1º Solista*
Kenneth Best *1º Solista*

Eric Murphy *2º Solista*
Darcy Edmundson-Andrade *2º Solista*
Nelson Silva *2º Solista**

TROMPETES
Adrian Martinez *1º Solista*
Jorge Pereira *1º Solista Auxiliar**
David Burt *2º Solista*
Carolina Alves *2º Solista**

TROMBONES
Sérgio Miñana *1º Solista*
Rui Fernandes *2º Solista*
Pedro Canhoto *2º Solista*
Tiago Noites *2º Solista**

TUBA
Amílcar Gameiro *1º Solista*

TIMBALES
Rui Sul Gomes *1º Solista*

PERCUSSÃO
Abel Cardoso *2º Solista*
Renato Peneda *1º Solista**

* Instrumentista convidado

COORDENAÇÃO
António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO
Américo Martins
Marta Andrade
Inês Rosário
Leonor Azedo
Raquel Serra
Guilherme Baptista



FESTA DOS LIVROS GULBENKIAN

PUBLICAÇÕES
E ARTIGOS EXCLUSIVOS
A PREÇOS FESTIVOS

 FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

29 NOV
23 DEZ
2018

TODOS OS DIAS
10:00 — 19:00

GULBENKIAN.PT

10 dezembro

CONCERTO LIVRES E IGUAIS

Beethoven Sinfonia n.º 3

Orquestra Gulbenkian

 FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

GULBENKIAN.PT

ENTRADA GRATUITA

O MELHOR BANCO EM PORTUGAL.

O BPI foi eleito “O Melhor Banco em Portugal” pelo Euromoney Awards for Excellence Country 2018.

A revista Euromoney atribuiu ao BPI o prémio Melhor Banco em Portugal em 2018, no âmbito da iniciativa “Euromoney Awards”. Esta classificação resulta da combinação de critérios quantitativos e qualitativos como a rentabilidade, crescimento, eficiência, qualidade, capacidade de inovação e compromisso social.

O vencedor deste prémio é selecionado pela equipa de editores, jornalistas e analistas da revista Euromoney, uma das mais conceituadas referências editoriais do setor financeiro a nível internacional.

O BPI exprime o seu orgulho por esta distinção e dedica-a especialmente a todos os seus Clientes.

Este prémio é da exclusiva responsabilidade da entidade que o atribuiu.



Grupo  CaixaBank

Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo.
A iluminação dos ecrãs pode igualmente perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alteração sem aviso prévio.

DIREÇÃO CRIATIVA
Ian Anderson

DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE
The Designers Republic

TIRAGEM
700 exemplares

PREÇO
2€

Lisboa, Dezembro 2018

